

QUINHENTOS ANOS DE MATANÇA
(tributo aos ameríndios)

José de Arimatéa Nogueira Alves

Em memória do índio velho cearense, Francisco Faustino Alves
(03/05/1903 + 18/12/1991), meu pai, exemplo de bondade.

A **Souzândrade** (julho/1832 – 21/abr/1902), filósofo e poeta,
maranhense, autor de **O GUESA**, um poema épico-indigenista.

Relógios e painéis da Globo
Anunciam festa;
Nefasta festa.
Criam-se marcas,
Fazem marketing
Pra festa dos 500 ANOS,
Pra farsa do descobrimento,
Pros quinhentos anos de matança.

Como esquecer,
Como não chorar,
Como perdoar
Tanta humilhação,
Dor e crueldade:
O genocídio ameríndio.

Harmonioso equilíbrio violado,
Via/natureza vilipendiada
Pelos caçadores de pedras,
Pelos caçadores de metais,
Pelos caçadores de cabeças.

Cabeças de índios,
Cabeças de gente.

Predatório e mortífero aparato
Mercantil-militar-exterminador
Ceifando, impiedosamente,
Sioux, Navajo, Iroqueses,
E outros povos da Norte América
Invadida, mapeada, empossada
Por mando ou ação de ingleses,
Irlandeses, franceses, dos brancos, enfim,
O martírio dos pele-vermelha.

Delewares por milícias holandesas massacrados;
A trilha de lágrimas Creek,
O covarde massacre de Wounded Knee,
Remanescentes Iakotas, sioux
Em show de Búfalo Bill transformados.

Contributo para o "american way of life"?

Das pradarias americanas
Aos planaltos mexicanos.
Das florestas às montanhas
Da América central.
Dos vales andinos
À Amazônia, chapadas,
Litorais, pampas, Patagônia.
Um só covarde banho de sangue
Pro regalo e pra sandice
Das imperiais coroas.

Incas, Aztecas e Maias
Por cavalaria hispânica pisoteados,
Lacerados, usurpados e saqueados,
Pela súcia de Hernan Cortez,
Obstando a veneração a Quetzalcóatl,
Descobridor do milho,
Criador da nova humanidade com o Quinto Sol
Que "nada exigia, senão mariposas".

Bartolomé de Las Casas
Reconciliado com a história,
Solidário pelo sofrimento dos ameríndios
Em luta até hoje não aplacada
Na vida e no coração dos Chiapas
Irmanados em luta secular,
Liderados pelo subcomandante insurgente
De coração valente chamado Marcos,
Do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

O covarde massacre de Acteal,
Ameríndios mortos,
Ameríndios quase mortos,
Ameríndios teimosamente vivos,
Ameríndios a prêmio Nobel,
Embora ainda sem paz,
No entanto presentes no destemor
E no compromisso da guerreira

Rigoberta Menchu.

“ Índio bom é índio morto ”,
Afirmou George Custer,
Coronel da Cavalaria Americana.

Também outros, patenteados ou não,
Repetiram ou repetem esse dito,
Na América Latina, no Brasil.
Grandes ferrovias em territórios
Dos **peles-vermelhas**,
Fortificações e cavalarias.
Pioneiros, caçadores de peles;
Todos bem armados, na Norte América.
Aventureiros, capitães do mato,
Entradas e bandeiras,
Caçadores de ouro/prata e pedras preciosas,
Na América Latina.
Ferrovias na Amazônia,
Madeira – Mamoré,
Os 117 km da E.F. Tocantins,
Unindo Tucuruí à Jatobal,
O poder econômico que amalgama
Prostitutas, castanheiros, capangas,
Índios acabocladados, Parakanan,
Gaviões, Akauáwa-Asurini e Suruí,
Desenraizados e impotentes,
Alvos dos ímpetos criminosos
De certos diretores da E.F. Tocantins,
Das criminosas expedições punitivas,
Desenraizados e impotentes.

Portugueses e espanhóis,
Primeiros algozes,
Depois filhos, netos, bisnetos, trinnetos, “coletos”,
Muitos de índios aparentados,
Caça e caçadores a um só tempo.

Branças famílias,
Loronhas,
Parentes,
Raposo Tavares,
Castelos, Mafras e Mafrenses
Donatários, exploradores,
Executores de índios.

Domingos Jorge, **matador**,

Velho, matador de crianças e de velhos;
De índios cercados, aldeados,
“Amansados” ou “domesticados”,
Presos em ferros e cordas,
Mortos em ciladas
Ou queimados vivos,
Ontem e hoje.

“Matas infestadas de índios”,
Malsinada expressão
Dos tempos de Antônio Veloso da Silva
“O flagelo dos índios”,
Exterminador dos índios da Bahia,
“Da indiada” do Rio de Contas,
Dos Gueren do Piau e do Jequiriçá,
De todos os Jê e Tupi

Malsina herança ideológica
Presente no nosso tempo,
Nos falares de palestrantes,
Nos salões dos IGH que diziam:
“É preciso limpar” famílias
Jê, Maxakalí, Karirí, Borôro

Famílias Pimenteiras, do Piauí,
Desalojados do sertão, das serras,
Escorraçados, dizimados
Por lusos e brasileiros.

Ianomamis ou Guaranis,
Parceiros no macabro baile.

Povos da Amazônia,
Ticuna em seringais escravizados,
Confinados, compartimentados
Pela geopolítica ditatorial militar.

Cultura estrangulada,
Sonhos e mitos esquecidos.
Corpos e almas violados.

Índio aprendeu novo rito,
Aprendeu suicidar-se,
500 anos, “após descobrimento”,
Falso descobrimento.
Quase trezentos da nação Kaiowa,

Suicidados pela opressão.
Pelo genocídio,
Que mata,
Que também humilha,
Que destrói esperanças.

Teimosos índios
Vivendo em transamazônicas vias,
Nas bordas de barragens e usinas
Construídas em suas terras
Por governos brancos.

Veias abertas pelos caudilhos,
Vias abertas, para os minérios.
Barragens pra afogar esperanças,
Usinas pra alumiar cidades.
Cidades de homens brancos,
Também de mestiços,
É bom que se diga.

Índios sem aipim,
Índios sem inhame,
Índios sem batatas,
Índios sem esperança.

Tamoios, Botocudos, Bororós,
Kalapalos, Tucanos, Kirirís.

Andrajosos,
Humilhados,
Alcoolizados,
Tuberculosos.

SUICIDADOS.

Primeva herança
Por genocidas dilapidada.
Belos cânticos,
Ritual de flautas **Assurini**,
Mitos e lendas Kadiweu,
Por Marlui **Índia** Miranda, preservados,
Ainda que nos livros oficiais não contados.

Livros que não contam:
Foi no Piauí, tempos atrás,

No vale do Parnaíba,
Entre Piauí e Maranhão,
Tapuias e Tremembés
Organizados pra luta;
Mandu Ladino legendário,
São Mandu Ladino
Exangue, atraído

Como o foi Marçal Tupã-y,
Bravo guerreiro do povo Guarani
Que se fez ouvir pelo Papa.

Guerreiros, rebeldes, de ontem,
E de hoje, apesar de poucos.
Corpo e espírito presentes,
Mesmo após **500 ANOS**
De perseguição, violência e extermínio.

Falsa festa, festa fácil,
Pois difícil é pedir perdão,
Contar a verdadeira história,
Descerrar o manto que encerra
A falsidade, a hipocrisia,
A tirania da usurpação.

Festa dos **500 ANOS**,
Não se sabe ao certo de que;
Alegorias de marketeiros
Para encobrir genocídio.
Talvez para encobrir
Que na Bahia índias **Pataxó**
São lavignianamente esterilizadas.

Quinhentos anos, de matança,
Da qual não falam os painéis da Globo,
Da qual não marcam os relógios da Globo,
Relógios que deveriam estar derretidos
Qual relógios de Dali.

500 anos de limpeza étnica,
De desprezo, de perseguição,
De terras roubadas pro gado.
Terras **Pankararés**,
Tuxás, Kaimbé,

Engolidas pelas barragens.
Terras dos Pataxós,
Dos Pataxó -hã hã hãe,
Devidamente roubadas,
Das matas derrubadas pros pastos,

Do “museu do descobrimento”,
Museu da usurpação do solo,
Museu dos palacetes dos brancos
E dos gananciosos mestiços brasileiros.

Festa com “painéis da Globo”.

Festa com “relógios da Globo”.

Festa com fogueira de verdade,
Queimando filhos, netos de índios,
Queimando esperanças de curumins
Em troca da cola e do crack.

Fogueira queimando índio de carne -e- osso
No epicentro político do Brasil,
Em plena capital federal,
Em pleno dia dos índios,
quinhentos anos depois...

Galdino de Jesus dos Santos Pataxó,
O seu pecado: descansar o corpo no cimento frio
Para tornar-se alvo da inconsciência nacional,
Para tornar-se tocha humana.

Por pouco será lembrado,
Logo será esquecido
Como o foi Mandu Ladino,
“Mestiço **Tremembé**”,
Ajuricaba, guerrilheiro da Amazônia,
Cacique Chicão Xucuru, em Pernambuco,
Marçal Tupã-Y Guarani, no Mato Grosso.
Guerreiros, pajés, caciques,
Mulheres e crianças índias.

Homens concebidos livres,
Usurpados no seu habitat.
Índios mendigos,
Envergonhados,
Censores das identidades nativas,

Diplomados, afirmam, no século XXI:
Índio não pode ter descendente!

Ameríndios
Caçados,
Explorados,
Assassinados.

Esquecidos...

88888888888888888888

PS - A crônica indígena-poética acima é um trabalho em construção permanente, iniciado em setembro de 1999. Trata-se de um grito solitário, talvez uma criação delirante alimentada pela crônica dos 500 anos de contato entre povos nativos ancestrais, povos contemporâneos, seus descendentes e não-indígenas de todas as Américas. O autor desejaria escrever em alguma das 180 línguas indígenas faladas por cerca de 230 povos; diante dessa impossibilidade o faz em língua luso-brasileira. Não há nenhum compromisso com estilo acadêmico, regras de composições, muito menos com regras gramaticais e com os léxicos, ainda que subjugado a esses, em sua maior parte. Talvez um dia faça uma notação a cerca das dezenas de fatos citados. Um fragmento dessa crônica poética foi escolhido, em concurso promovido pelo Sindicato dos Bancários da Bahia (Departamento de Cultura) e integrou uma publicação que homenageava Bertolt Brecht. No ano de 2002 o autor, juntamente com outros indíodescendentes, fundou a UNID – União Nacional dos Indíodescendentes, com sede em Salvador, ainda hoje com registro em cartório, para a qual foi designado presidente.

Salvador, Bahia, julho de 2009 (Ary Txay)

Salvador, Bahia, 18.09.99 / 22.07.09

quinhentos anos